

Dom e Pipocantos: o contexto pedagógico e os desafios de dois coros

Comunicação

GTE 02 - Canto Coral: práticas, pesquisas e processos de ensino-aprendizagem em diferentes perspectivas

Klesia Garcia Andrade
Universidade Estadual de Maringá
Universidade Federal de Pernambuco
kgandrade@uem.br

Daisy Fragoso
Universidade Estadual de Maringá
daisyafragoso@gmail.com

Resumo: Compartilhamos neste artigo algumas reflexões a partir da prática em dois coros: o Dom, que atende o público infantil (grupo da Ocupação Urbana Dom Hélder Câmara, localizado em Paçandu-PR) e o Pipocantos, que atende de crianças a adultos (ação extensionista do curso de Música da Universidade Estadual de Maringá-PR). Ao longo do texto são discutidas as possibilidades do trabalho coral e os principais desafios identificados até então. Os coros têm em comum a busca no desenvolvimento de habilidades musicais, criativas e sociais por meio de atividades colaborativas e repertórios contextualizados. Participam discentes do curso de Licenciatura em Educação Musical que, através da proposta, têm a oportunidade de ampliar a formação docente. As crianças que cantam no Dom são, em maioria, imigrantes que vivem em uma ocupação urbana, enfrentando desafios estruturais e políticos; os/as participantes do Pipocantos são da comunidade maringaense. Ambas as ações enfrentam dificuldades como a rotatividade, a falta de assiduidade e a aparente compreensão limitada, por parte de alguns familiares dos/as participantes, sobre os propósitos da prática coral. Apesar dos desafios, os projetos revelam o potencial do trabalho, promovendo a expressão artística, a criação coletiva e a possibilidade de estabelecimento de vínculos afetivos. As experiências evidenciam a necessidade de propostas pedagógicas flexíveis, dialógicas e sensíveis ao cotidiano dos/as participantes, mostrando o canto coral como meio de acesso ao direito à arte, à cultura e à formação humana.

Palavras-chave: Prática coral; Desafios e possibilidades músico-educativas; Educação musical e práticas coletivas.

Introdução: sobre o trabalho coral e a educação musical

Compartilhamos neste artigo nossas trajetórias músico-educativas vinculadas à condução de práticas corais. Nossa atuação enquanto regentes, instrumentistas e compositoras em contextos diversificados – escola básica, projetos sociais e instituições de ensino superior – evidenciam que o canto coral se constitui como uma importante atividade artística, possui um caráter flexível, de baixos custos, é coletivo e pode atender objetivos e funções variadas. Entendemos que a prática coral diz respeito às "atividades vocais desenvolvidas em grupos [...], que abrangem a preparação e o estudo de repertório, com dias e horários previamente agendados para ensaios, ocorrendo em vários contextos [...], atendendo diferentes faixas etárias e com objetivos distintos" (Andrade, 2019, p. 93-94), incluindo, por exemplo, a finalidade de musicalizar.

A revisão bibliográfica realizada por Andrade, Paz e Pereira (2023) sobre o coro infantojuvenil revela que, dos 37 artigos publicados nos Anais dos Congressos Nacionais da Abem no período de 2001 a 2019, um total de 25 abordam predominantemente os aspectos cotidianos dessa prática. Entre os temas abordados nos artigos, emergem as características e estratégias utilizadas em ensaios desenvolvidos no âmbito dos três setores da sociedade, os ensinamentos e as aprendizagens, as relações entre os participantes, a performance, os aspectos socioculturais e de estimulação da criatividade. Atendendo ao convite de Andrade, Paz e Pereira (2023, p. 29) para ir além das discussões já consolidadas na área, relatamos aqui algumas experiências e propomos reflexões guiadas pelo cotidiano pedagógico e pelos desafios enfrentados em dois coros: o "Dom - Coro Infantil da Ocupação Urbana Dom Hélder Câmara", conduzido pela segunda autora do artigo e o "Pipocantos", sob coordenação da primeira autora; ambas docentes do curso de Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Na sequência, descrevemos brevemente o contexto e as características dos/as participantes de cada proposta coral; articulamos algumas reflexões sobre as expectativas que nortearam, até então, o trabalho, os desafios encontrados e os caminhos para lidar com as situações emergentes.

Duas práticas corais: contexto, público-alvo e pressupostos pedagógicos

Conhecido como Dom, o Coral Infantil da Ocupação Urbana Dom Hélder Câmara iniciou suas atividades em outubro de 2024. Com o intuito de oferecer, gratuitamente, a prática de canto coral às crianças moradoras dessa Ocupação, o Dom soma-se às diversas atividades culturais e pedagógicas ofertadas ao longo da semana e conduzidas por pessoas voluntárias. Até junho de 2025, além do coral, eram oferecidas oficinas de circo e de percussão, clube de leitura, aulas de inglês, atividades de reforço escolar e apoio psicológico.

Localizada na cidade de Paçandu-PR, a Ocupação Urbana Dom Hélder Câmara - OcupaDHC (sigla recentemente adotada para se referir a esse espaço), comemorou, em Janeiro de 2025, dois anos de existência. Em informativo elaborado pelos moradores e distribuído à população de Paçandu, em abril de 2025, narra-se sua história:

Os “predinhos” [nome ao qual a população se referia ao espaço antes da ocupação acontecer] foram, construídos e vendidos dentro do programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal. Em certo momento [...], a construtora paralisou as obras, decretou sua falência e os mutuários, que pagaram, foram abandonados à própria sorte. [...] Isso foi em 2014. De lá para cá, [...] os mutuários romperam os contratos e entraram na justiça contra a construtora [...] e foram indenizados. Por culpa da construtora, eles nunca chegaram a ser donos dos apartamentos que estavam comprando. Com o abandono da construção, o local foi tomado pelo mato, pelo lixo, por animais peçonhentos e, também, pela criminalidade. Moradores da região contam como os “predinhos” se tornaram um pesadelo para eles. Isso começou a mudar a partir do dia 06 de janeiro de 2023. Na madrugada desse dia, começou a Ocupação Dom Hélder Câmara. Trabalhadores que, diante de seus salários baixos, precisavam escolher se comiam ou se pagavam o aluguel, decidiram ocupar aqueles apartamentos abandonados. No início, não havia nada: nem água, nem luz, nem esgoto, nem janelas. Mas, ao longo desses anos [...] os moradores realizaram uma série de mudanças no local e, hoje, [...] há água, luz, manilhas para o esgoto, além de calçamento no estacionamento, calçadas para os pedestres, tudo feito em regime de mutirão pelos próprios moradores. (Ocupação, 2025, p. 2 e 3)

Com o *slogan* “Nossa Ocupação é muito mais que um teto”, as pessoas que moram na OcupaDHC fazem valer o direito à cidade, que contempla tanto os direitos à moradia, ao transporte, ao uso de equipamentos públicos etc.; quanto aquele “direito coletivo concentrado” em que trabalhadores e trabalhadoras reconstroem e recriam a cidade como um corpo político de forma a erradicar a pobreza e a desigualdade social (Harvey, 2014, p.

247). Ou, ainda, conforme discutem Guimarães e Araújo (2018, p. 1791), identifica-se um movimento que busca o direito à cidade, o qual “[...] corresponde à possibilidade de acesso e de transformação ao que o espaço urbano oferece; é a oportunidade de satisfação das diferentes necessidades da vida moderna e de autoafirmação do cidadão”. Nesse sentido, o acesso à cultura, por meio de atividades de educação musical, como o coral ofertado ali, configura-se possibilidade que viabiliza tanto o acesso a esse direito quanto a garantia dele. Isso porque, enquanto demanda gerada pelos moradores da OcupaDHC, identifica-se a cultura (e, por extensão, as artes) como uma das necessidades sociais e culturais da vida moderna e, também, como meio de inclusão social (Fraser, 2006).

Figura 1: Crianças moradoras da OcupaDHC brincando no pátio



Fonte: Informativo “Ocupação Urbana Dom Hélder Câmara” de abril de 2025.

Quanto ao trabalho coral na OcupaDHC, são realizados encontros semanais às terças-feiras, das 19h30 às 20h30, na sala de convivência infantil, espaço onde acontecem todas as outras atividades. Isso significa que não há uma sala específica para o coral, de modo que o uso da sala é compartilhado, mediante agendamento. Localizado no saguão de um dos cinco prédios da Ocupação, o espaço conta com carteiras escolares, lousa, estantes com livros, banheiro e bebedouro. Não há nenhum instrumento musical disponível, demandando o transporte semanal de um teclado para a realização das aulas.

O grupo é formado por aproximadamente 30 crianças, com idades entre 6 e 12 anos. A frequência assídua, no entanto, é de cerca de 15 coralistas. O fato de residirem naquele

local muitas famílias em situação de refúgio, advindas principalmente de países como Venezuela e Haiti, faz com que a maior parte das crianças participantes seja imigrante, conferindo caráter multicultural e bilíngue à proposta. Dessa forma, o repertório constrói-se de forma diversa, buscando contemplar as ideias de música – conforme termo cunhado por Teca de Brito (2019, p. 22) das crianças participantes e das pessoas voluntárias que conduzem o coral, as quais são a professora-regente e estudantes do curso de Licenciatura em Educação Musical da UEM.

Assim, tem sido trabalhadas músicas que contemplam tanto o repertório coral tradicional quanto músicas da cultura infantil e/ou popular brasileira e de outras culturas. Além do repertório em língua portuguesa tem sido priorizado canções em língua espanhola, considerando que a maioria das crianças participantes têm o espanhol como língua materna. Os arranjos são adaptados ou elaborados especialmente para o grupo, tentando conciliar as habilidades musicais e vocais que as crianças já dominam com aquelas que desafiam o grupo (cf. Fragoso, 2019), promovendo crescimento musical.

Figura 2: Mastro com bandeiras do Brasil, Colômbia, Haiti, Venezuela e da OcupaDHC hasteadas na entrada da Ocupação



Fonte: Informativo “Ocupação Urbana Dom Hélder Câmara” de abril de 2025.

As apresentações do coro recém iniciado buscam, até agora, atender a agenda cultural e política da Ocupação: o segundo aniversário, que contou com a participação da Orquestra de Câmara da UEM acompanhando o coral, o Arraiá OcupaDHC e a visita de desembargadores à Ocupação. Enquanto o objetivo pedagógico-musical do coro têm sido oferecer atividades de musicalização por meio do canto coletivo a fim de garantir o direito à educação musical (Mateiro, 2023; Souza, 2022), vigoram outros, ainda: os sociais, que se referem, principalmente, à inclusão social por meio do acesso à cultura, e os políticos, que tratam de, pelas vozes das crianças, sensibilizar a comunidade, o bairro e as pessoas com envolvimento político e estadistas acerca do papel da Ocupação e do direito à ela.

O trabalho coral intitulado Pipocantos, por sua vez, se configura atualmente como um curso de extensão, vinculado ao Projeto “Educação Musical, Escola e Comunidade”, do Departamento de Música e Artes Cênicas da UEM (Campus Sede). O curso de Música da UEM possui trabalhos corais que atendem diversas faixas etárias. Porém, há lacunas na oferta de ações permanentes que contemplem crianças pequenas (até sete anos de idade) e práticas vocais com perspectivas criativas. Assim, o Pipocantos – proposta resultante de uma pesquisa-ação (Andrade, 2019) – busca ampliar as oportunidades de formação discente em música e de diálogo com a comunidade maringense.

A proposta foi estruturada a partir de dois eixos centrais: 1) A formação inicial para a docência em música; 2) O trabalho com crianças da comunidade local, com idades entre 6 e 11 anos. As atividades são semanais e têm como foco a estimulação da expressão vocal, a criatividade e a interação social; não há seleção de vozes e crianças com transtornos e/ou deficiência diversificadas também são bem-vindas. As ações incluem reuniões de planejamento e avaliação semanais, tendo a participação de três discentes da Licenciatura em Educação Musical e uma egressa do PARFOR que possui formação em Artes Visuais. As reuniões de caráter pedagógico, com tais discentes, iniciaram no dia 02/05/2025. Após ampla divulgação, os encontros com as crianças iniciaram no dia 23/05/2025¹.

As atividades vêm acontecendo nas sextas-feiras, em uma sala ampla que contém 40 cadeiras e um piano acústico, localizada na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UEM. Buscando atender o maior número de participantes possível, foram propostos dois horários:

¹ O cronograma de atividades para o ano de 2025 consta: ensaios no período de 23/05 à 04/06; recesso de 11 à 25/07/2025; retomada das atividades a partir de 01/08 e finalização no dia 05/12/2025.

crianças de 6 e 7 anos das 15:45 às 16:45; crianças entre 8 e 11 anos das 17h às 18h. O trabalho prioriza a ludicidade e as vivências socioculturais dos/as participantes sendo estruturado a partir de jogos de relaxamento e consciência corporal, exploração vocal e a criação coletiva de repertório. O cronograma contempla ensaios abertos (com a participação dos familiares) e apresentação pública, sendo entendidos como momentos de partilha, construção de identidade do grupo e formação de plateia, além das trocas significativas entre os participantes e a comunidade.

A proposta metodológica está fundamentada na perspectiva do Coro Criativo (Andrade, 2019), uma abordagem que compreende a prática coral como um espaço de criação musical colaborativa. A ação se constitui como um espaço formativo e artístico, tanto para os/as graduandos/as quanto para as crianças, buscando o desenvolvimento de habilidades musicais, pedagógicas e de interação social, em uma perspectiva integradora entre ensino, pesquisa e extensão.

Na expectativa de equilibrar a estimulação dos pensamentos convergente e divergente (Andrade, 2019), característicos dos processos criativos, temos proposto um repertório aberto, isto é, pequenas peças como ponto de partida para a criação coletiva. Em geral, essas peças possuem um conteúdo poético que sugerem uma continuidade, a criação de paisagens sonoras ou, ainda, melodias que permitem a criação de ostinatos para sobreposição, entre outros aspectos. Além disso, desenvolvemos peças com formas estruturais que possibilitam o aprimoramento da percepção auditiva, tais como, cânones, sobreposição de ostinatos, melodias acompanhadas de percussão rítmica-corporal, com texto em língua portuguesa e em outros idiomas. Os Instrumentos de percussão, objetos alternativos (colheres, copos, etc.), o piano e a flauta doce têm sido utilizados paralelamente à exploração dos *boomwhackers*².

Entre as ideias trabalhadas com as crianças de 6 e 7 anos propomos, por exemplo, a melodia de “Minha pombinha”. Em um primeiro momento, associamos um movimento corporal para cada uma das três frases, utilizamos uma história – Frederico, que morava no sítio e tinha uma pombinha de estimação –, trazendo o sentido literário para um contexto concreto. Posteriormente, instigamos as crianças a pensar e expressar ideias a partir das

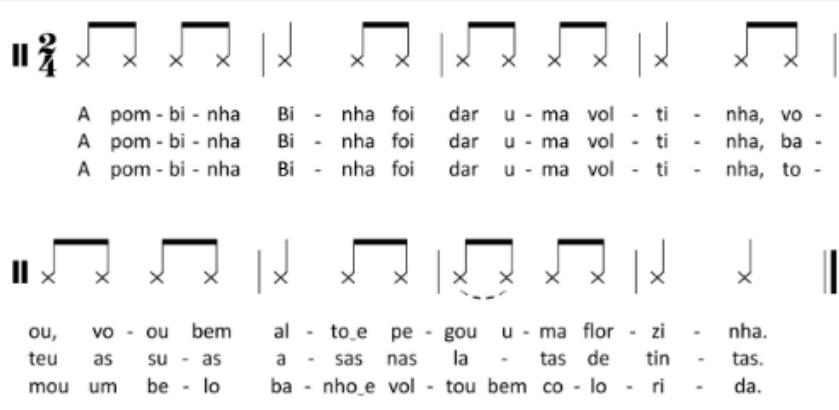
² Os *boomwhackers* são instrumentos musicais de percussão, feitos em tubos de plástico coloridos, ocos e afinados em diferentes notas musicais.

perguntas: Qual era a cor da pombinha? Onde ela ficava? Por que ela escapou? O que Frederico fez para encontrá-la? Onde ela estava? Tendo algumas respostas, convidamos as crianças a inventarem melodias. No processo inicial de exploração, observamos que as crianças mantiveram sonoridades próximas ao contorno melódico da primeira frase, mas com um novo texto, tais como: *A minha pombinha era cinza, gostava de voar e pousar na terra; A minha pombinha se chamava Binha*. Nos encontros seguintes foram entregues pombinhas de dobradura para que as crianças customizassem e inventassem uma história relacionando a customização com o que poderia ter acontecido com a pombinha. As cores e enfeites colocados na dobradura nos levaram a criação de pequenos textos, sendo explorados com fala ritmada e alternados com a execução da melodia original:

Figura 3: Exploração de ideias a partir da peça “Minha pombinha” (Música de Andrés Barrios e versão de Miguel Queiroz)

Exploração vocal a partir da melodia, percepção das três frases, contornos melódicos e duração.





Ideias das crianças e exploração de fala ritmada (A pombinha Binha escapou e foi fazer o que?).

Fonte: Acervo do Pipocantos.

Com o grupo de crianças entre 8 e 11 anos, propomos inicialmente a exploração de peças com caráter expressivo bem distinto. Dentre as peças previstas, com divisão de vozes,

trabalhamos com “Hari coo coo” – canção de ninar indiana, estruturada a partir de uma melodia com a sobreposição de ostinato –, e “Hear the wind” – com estrutura de cânone, em língua inglesa.

Pautados na proposta de Coro Criativo (Andrade, 2019), além da busca no equilíbrio da estimulação dos pensamentos convergente e divergente, temos trabalhado na criação de um ambiente acolhedor e favorável para o desenvolvimento da criatividade, oportunizando os/as participantes a verbalizar pensamentos, sugerir caminhos interpretativos e de execução musical, colaborando no aperfeiçoamento das ideias, bem como no estabelecimento de um espaço de respeito e aceitação mútuas (Andrade, 2019). Assim, os encontros são concebidos em uma lógica dinâmica, reservando tempo previsto para o processo de criação paralelamente ao desenvolvimento de repertórios variados

Entre a expectativa e a realidade: o cotidiano pedagógico e os seus desafios

Ao propor as atividades corais – nas duas situações apresentadas (Dom e Pipocantos) –, nossas expectativas incluíam a participação de discentes do curso de Licenciatura em Educação Musical, tendo o máximo possível de crianças atendidas.

A experiência coral com o Dom revela três desafios que emergem das particularidades do contexto em que se insere. O primeiro se refere às tensões sociais e políticas enfrentadas em situações de ocupação urbana que afetam não somente a vida das crianças, mas também o trabalho com elas. Tensões nas relações com grupos e coletivos políticos que tratam dos interesses da Ocupação ou que se opõem ao movimento afetam a rotina de ensaios e a agenda de apresentações, por exemplo. Além disso, enquanto sujeitos sociais, ou seja, enquanto sujeitos que atuam ativamente na sociedade e que estão, por isso, “expostas às mesmas forças sociais que os adultos, embora de modo particular” (Qvortrup, 2011, p. 207), as crianças acabam percebendo tais tensões, o que tem impedido o fortalecimento do coro enquanto grupo.

O desafio seguinte diz respeito ao espaço e estrutura onde acontecem os ensaios. Apesar do esmero e cuidado com que a liderança administra a sala multiuso dedicada às atividades culturais e educativas com as crianças da Ocupação, a estrutura apresenta fragilidades em termos acústicos. A proximidade da sala com o pátio de convivência da

Ocupação, onde outras crianças, adolescentes e adultos se reúnem ao final do dia para socializar, resulta em significativa interferência de ruídos. Além disso, são frequentes os momentos em que as crianças do coral se distraem com alguma brincadeira que acontece do lado de fora ou com as pessoas que se colocam na janela da sala para assistir a uma parte do ensaio. Por último, o fato de se configurar uma atividade voluntária, sem remuneração para as pessoas que conduzem a atividade, confere certa inconstância quanto à assiduidade dessas pessoas.

A fim de minimizar os impactos provocados por tais desafios, os caminhos percorridos têm buscado: 1) maior aproximação com as famílias das crianças participantes, a fim de que sejam compreendidos o papel e a relevância do trabalho de canto coral naquele espaço; 2) maior envolvimento das pessoas voluntárias nas demais atividades culturais organizadas pela Ocupação, tais como a Festa Junina, a Festa do Dia das Crianças, de modo que os voluntários sintam-se pertencentes ao movimento; 3) expansão da agenda de apresentações para eventos da cidade e não somente aqueles relacionados à agenda política e cultural da Ocupação, na tentativa de tanto desfazer estereótipos relativos à Ocupação quanto desvincular o grupo do aparente papel essencialmente político que lhe foi inicialmente atribuído; e, 4) elaboração de camisetas/uniformes para o grupo a fim de fortalecer a identidade e o senso de pertencimento.

O trabalho coral com o Pipocantos tem revelado dois desafios principais. Um dos desafios diz respeito ao número de participantes, já que nem todas as vagas oferecidas foram preenchidas. Das 40 vagas disponibilizadas a cada faixa etária, tivemos a inscrição de cerca de 20 crianças. No período de 23/05 a 04/07/2025, quando iniciamos os trabalhos, das crianças inscritas apenas metade tinha comparecido; algumas tiveram dificuldades em manter a assiduidade, seja por motivos de doença ou por eventualidades diversas.

A rotatividade e/ou falta de assiduidade, também foi identificada no DOM. Essa questão parece se apresentar como um problema recorrente na grande maioria dos coros brasileiros, conforme enfatiza a regente Maria José Chevitarese (2021, p. 17). Partindo de um trabalho coral que, também, visa a inclusão, em que não são realizados testes de seleção vocal para participação, é no âmbito dos ensaios semanais que trabalhamos e estimulamos a percepção auditiva, a descoberta da própria voz e a construção da sonoridade coletiva, entre

outros aspectos. Assim, a rotatividade e a falta de assiduidade trazem impactos no desenvolvimento dos grupos, dificulta a consolidação do trabalho, do estabelecimento de vínculos e o amadurecimento do repertório. Essa situação pode estar relacionada à aparente falta de compreensão, por parte de alguns familiares, sobre os propósitos do trabalho coral. Apesar dos objetivos claros e bem delineados, com fundamentos teóricos e práticos adequados aos contextos socioculturais dos participantes, fica a impressão de que, para algumas famílias, o coral é percebido apenas como mais uma atividade educativa na rotina das crianças e que não haverá perdas com as ausências.

Na busca por resolver essa situação, duas ações foram tomadas: o estabelecimento de um diálogo mais próximo com os familiares e o redirecionamento do trabalho. No ensaio aberto realizado no dia 04/07/2025, compartilhamos com os familiares as características do trabalho, enfatizamos a importância da assiduidade e da pontualidade, do caráter coletivo da proposta, da perspectiva de criação colaborativa e dos vínculos que poderiam ser estabelecidos entre os participantes, culminando com apresentações significativas para todos os envolvidos.

No recesso realizado entre os dias 11 à 25/07/2025, discutimos com os/as graduandos/as questões dessa natureza, incluindo os demais aspectos pedagógicos do trabalho coral. Considerando que todas as situações podem se apresentar como oportunidades para a formação inicial docente, dialogamos sobre o que poderia ser implementado para aumentar a quantidade de participantes. Além de retomarmos a divulgação nas mídias digitais, mantendo aberto o ingresso de novas crianças entre 6 e 7 anos a qualquer momento, resolvemos ampliar a faixa etária do segundo grupo.

Em experiência anterior – entre os anos de 2022 à 2024, quando o Pipocantos foi proposto entre as ações extensionistas da Universidade Federal da Paraíba (Andrade et al., 2024) – vivenciamos as possibilidades de incluir crianças e seus familiares em uma prática conjunta. Orientados/as por essa exitosa experiência, redirecionamos a ação extensionista na UEM, ampliando a faixa etária do segundo grupo: além de receber meninas entre oito e onze anos de idade, abrimos para que adolescentes, jovens e mulheres de todas as idades participassem das atividades. Poucos meninos estavam inscritos nesse grupo; no primeiro ensaio tivemos a participação de um menino que, posteriormente, nos avisou que não

continuar no projeto. Dessa maneira, abrimos a possibilidade para que mães e filhas, amigas, familiares em geral e pessoas próximas pudessem participar de uma mesma atividade artística.

Figura 4: Atividades e participantes do Pipocantos



Fonte: Acervo do Pipocantos.

Tal direcionamento tem se mostrado pertinente por dois aspectos: 1) O favorecimento de uma prática artística que inclui a criação musical e que une vozes infantis, juvenis e adultas no âmbito do público feminino, resultando em um grupo coral diferenciado no contexto das ações já desenvolvidas na UEM; 2) A experiência formativa dos/as graduandos/as na resolução de problemas emergentes, ou seja, entender que nem sempre a proposta inicial terá êxito no início, sendo necessário repensar a estrutura do trabalho e propor soluções apropriadas ou melhor condizentes com a realidade encontrada.

Essa ampliação da faixa etária tem possibilitado para os/as graduandos/as, ainda: 1) Vivenciar o desenvolvimento de um repertório que contém elementos estéticos e expressivos significativos, independente da faixa etária; 2) Conhecer as possibilidades de implementação do Coro Criativo para além do público infantil, estimulando a criação musical em outros grupos etários. Esperamos que o amadurecimento do trabalho, aliado à organização de uma agenda de apresentações nas próximas edições do Pipocantos, contribua para ampliar o engajamento da comunidade local.

O segundo desafio no Pipocantos se refere ao caráter criativo da proposta e sua implementação propriamente dita. A revisão dos papéis dos participantes da prática coral – regente, cantor e instrumentista – é um dos aspectos importantes para a implementação do Coro Criativo. Considerando que os/as graduandos/as em música, que participam na condução das atividades, vivenciaram e/ou vivenciam atualmente práticas corais essencialmente de execução de repertórios, com ensaios estruturados a partir de aquecimento e desenvolvimento de peças, nosso trabalho tem sido o de apresentar um novo olhar para esta modalidade. Assim, nas reuniões pedagógicas articulamos o planejamento e a avaliação das ações com discussões sobre o desenvolvimento vocal, os caminhos para a exploração sonora em uma perspectiva de criação coletiva, bem como, o estudo de bibliografia sobre criatividade. Ou seja, o desenvolvimento de propostas músico-educativas criativas – seja na prática coral ou em qualquer outra modalidade musical coletiva – prescinde de uma formação inicial docente também criativa (Andrade; Barros; Ramlackhan, 2024).

Breves considerações finais

As experiências compartilhadas neste artigo, vivenciadas nos dois coros, reforçam a potência do canto coral como modalidade artístico-pedagógica, especialmente quando contextualizada com os diferentes públicos-alvo. Em ambas as ações, o coro se revela mais do que uma atividade de desenvolvimento musical, pois se caracteriza, também, como um meio de expressão e criação; no contexto do Dom, o coro evidencia, ainda, resistência. O envolvimento das crianças, dos familiares e dos/as graduandos/as aponta para a relevância de propostas integradoras, que unem ensino, pesquisa e extensão, sendo mediados por uma escuta ativa das especificidades de cada comunidade atendida.

Os desafios enfrentados – como, por exemplo, a rotatividade e a falta de assiduidade, concepções sobre a prática, fragilidades estruturais e tensões políticas – reforçam a necessidade de proposições pedagógicas flexíveis, engajadas e afetivamente comprometidas. Tais desafios requerem abordagens criativas e dialógicas, que valorizem o cotidiano e as relações humanas como ponto de partida do fazer musical. Além do direito à arte e à cultura em seus múltiplos sentidos, o canto coral, quando sustentado por escutas atentas,

metodologias e repertórios contextualizados e, ainda, vínculos consistentes, pode contribuir para a formação humana, seja das crianças que cantam, dos familiares que acompanham (e que também participam, como no caso do redirecionamento do Pipocantos) ou dos/as graduandos/as.

Referências

ANDRADE, Klesia Garcia. **Coro Criativo**: uma pesquisa-ação sobre a criação musical na prática coral. 2019. 262 f.: il. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18883>. Acesso em: 25 set. 2025.

ANDRADE, Klesia Garcia, PAZ, Anaide Maria Alves da; PEREIRA, Valdiene Carneiro. Canta, canta, minha gente: uma revisão de literatura sobre o coro infantojuvenil nos anais dos Congressos Nacionais da ABEM. **Revista Música**, 23(1), 2023, p. 1-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/212250/197789>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ANDRADE, Klesia Garcia; BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca; RAMLACKHAN, Karen. Criatividade e Aprendizagem Baseada em Problemas: ressignificando a formação inicial de professores de música. *Educação*, v. 49, p. 1-28, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/74429>. Acesso em: 25 set. 2025.

ANDRADE, Klesia Garcia; BRITO, Myartt da Silva; ALMEIDA, Semmuth Bezerra de; DE PAULA, Hermano Henrique Cabral; SANTOS, Júlia Éllen Sabino; LEITE, Karen Arielle Xavier de Alvarenga; NUNES, José Antônio; SILVA, Sharlyni Kercia da. Entre crianças, gatos e cadeados: formação docente no projeto “Pipocantos: coro infantojuvenil”. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 34., 2024, **Anais...** Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2212/public/2212-10283-1-PB.pdf. Acesso em: 25 set. 2025.

BRITO, Teca A. de. **Um jogo chamado música**: escuta, experiência, criação, educação. São Paulo: Peirópolis, 2019.

CHEVITARESE, Maria José. O regente educador. In: CHEVITARESE, Maria José (org.). **Aprimorando meu coro infantil: técnica e criatividade**. Projeto Um Novo Olhar – Funarte. Rio de Janeiro: Ed. Escola de música, UFRJ, 2021, p. 16-31.

FRAGOSO, Daisy. Arranjos para coro infantil: alguns recortes e ferramentas. **Revista da Abem**, v. 26, n. 41, p. 139-166, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/794/527>. Acesso em 13 jul. 2025.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 7-38, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109>. Acesso em 13 jul. 2025.

GUIMARÃES, Patrícia Borba Vilar; ARAÚJO, Douglas da Silva. O direito à cidade no contexto das smart cities: o uso das tic's na promoção do planejamento urbano inclusivo no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1788-1812, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/33226>. Acesso em: 13 jul. 2025.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MATEIRO, Teresa. Escola e educação musical: o que é ou o que pode ser? In: BEINEKE, Viviane. (Org.). **Educação musical: diálogos insurgentes**. São Paulo: Hucitec, 2023, p. 161-174.

OCUPAÇÃO Dom Hélder Câmara. Nossa ocupação é mais que um teto. Informativo da Ocupação Dom Hélder Câmara, abr./2025.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a infância. Maria Letícia do Nascimento (Trad.). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/dLsbP94Nh7DJgfdbxKxkYC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SOUZA, Jusamara. A educação musical como campo científico. **Olhares e trilhas**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 9-24, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/view/53720>. Acesso em: 13 jul. 2025.